



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE  
TECNOLOGIA, INFRAESTRUTURA E  
TERRITÓRIO (ILATIT)**

**GEOGRAFIA - LICENCIATURA**

**A PRÁTICA DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA:  
UMA PROPOSTA DIALÉTICA DA PEDAGOGIA**

**GABRIEL AUGUSTO ARANTES DE SOUZA**

Foz do Iguaçu  
2021

**A PRÁTICA DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA:  
UMA PROPOSTA DIALÉTICA DA PEDAGOGIA**

**GABRIEL AUGUSTO ARANTES DE SOUZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Leandro Trevisan

Foz do Iguaçu  
2021

GABRIEL AUGUSTO ARANTES DE SOUZA

**A PRÁTICA DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA:  
UMA PROPOSTA DIALÉTICA DA PEDAGOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Leandro Trevisan  
UNILA

---

Prof. Dr. Rubens de Toledo Junior  
UNILA

---

Profa. Dra. Eliane Kuvasney  
UNILA

Foz do Iguaçu, 11 de junho de 2021.

## TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor: Gabriel Augusto Arantes de Souza

Curso: Geografia - Licenciatura

	Tipo de Documento
( X ) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	( X ) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....)

Título do trabalho acadêmico: A PRÁTICA DE CAMPO NO ENSINO DA GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA DIALÉTICA DA PEDAGOGIA.

Nome do orientador: Prof. Dr. Leandro Trevisan

Data da Defesa: 11/06/2021

### Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, 22 de Junho de 2021.

---

Assinatura do Responsável

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço ao meu professor orientador Dr. Leandro Trevisan, não somente pela orientação neste trabalho, mas pelo compartilhamento de seu vasto conhecimento na área em questão, pela preocupação com a qualidade dos estudos desenvolvidos, pela disposição em me aceitar como orientando, pela paciência com os prazos de entrega e sobretudo pela sua ilustre dedicação em exercer a prática docente com excelência.

Aos professores da banca Professor Dr. Rubens Toledo Junior, que me lecionou no primeiro semestre a disciplina de Geografia e Método, sendo esta a disciplina que cristalizou a minha gana em desenvolver o conhecimento geográfico. À Professora Dra. Eliane Kuvasney pela disponibilidade em avaliar este trabalho e contribuir com seu conhecimento na minha graduação como professor de Geografia.

Aos colegas do curso, cujo os debates sempre propiciaram uma ampliação da minha visão sobre os assuntos tratados, por assim me possibilitando o crescimento intelectual, profissional e humano.

À minha família que nos momentos mais difíceis durante este período não permitiu que eu me sentisse sozinho.

SOUZA, G.A.A. **A PRÁTICA DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA DIALÉTICA DA PEDAGOGIA** 2021. 40 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso De Geografia-Licenciatura – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2021.

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo identificar a relevância da prática de campo como uma ferramenta pedagógica no ensino de Geografia. Neste contexto, buscaremos investigar ideias de autores que desenvolveram o assunto tratado tanto no âmbito pedagógico quanto nas questões que versam sobre a ciência geográfica. Pretendemos também expor algumas categorias e conceitos estudados na Geografia do ensino básico que são primordiais na elucidação das condições e das dinâmicas espaciais para os estudantes, tais como: *Paisagem, Território, Globalização, Redes, Fixos e Fluxos, Circuitos Econômicos, Segregação Socioespacial, Verticalização, Mobilidade Pendular*, entre outros; analisando de que maneira estes conceitos se materializam no espaço urbano. Posteriormente, será proposto um roteiro de prática de campo, sendo utilizado a cidade de Campinas (SP) como modelo. A escolha desta cidade se deve à sua classificação como metrópole, uma vez entendido que essa é a expressão máxima da urbanização de uma cidade conforme apresentado na REGIC 2018 (Regiões de Influências das Cidades) do IBGE. Por fim, apresentaremos as considerações resultantes do exercício cognitivo expressado neste trabalho cuja finalidade é defender a pesquisa empírica no ensino básico.

**Palavras-chave:** Geografia, Ensino, Pedagogia Histórico-Crítica, Prática de Campo, Campinas/SP.

SOUZA, G.A.A. **A PRÁTICA DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA DIALÉTICA DA PEDAGOGIA** 2021. 40 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso De Geografia-Licenciatura – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2021.

### **ABSTRACT**

The present work aims to identify the relevance of field practice as a pedagogical tool in the teaching of Geography. In this context, we will seek to investigate the ideas of authors who developed the subject dealt with both in the pedagogical scope and in the issues that deal with geographic science. We also intend to expose some categories and concepts studied in the Geography of basic education that are essential in elucidating the conditions and spatial dynamics for students, such as: Landscape, Territory, Globalization, Networks, Fixed and Flowing, Economic Circuits, Socio-Spatial Segregation, Verticalization, Pendular Mobility, among others; analyzing how these concepts materialize in the urban space. Subsequently, a field practice script will be proposed, using the city of Campinas (SP) as a model. The choice of this city is due to its classification as a metropolis, once understood that this is the maximum expression of the urbanization of a city as presented in REGIC 2018 (Regions of Influences of Cities) by IBGE. Finally, we will present the considerations resulting from the cognitive exercise expressed in this work, whose purpose is to defend empirical research in basic education.

**Key words:** Geography, Teaching, Historical-Critical Pedagogy, Field Practice, Campinas/SP.

SOUZA, G.A.A. **A PRÁTICA DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA PROPOSTA DIALÉTICA DA PEDAGOGIA** 2021. 40 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso De Geografia-Licenciatura – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2021.

## **RESUMEN**

Este trabajo tiene como objetivo identificar la relevancia de la práctica de campo como herramienta pedagógica en la enseñanza de la Geografía. Para esto, se investigarán las ideas de los autores que desarrollaron el asunto, tanto en el ámbito pedagógico como en las cuestiones que abordan la ciencia geográfica. También se pretende exponer algunas categorías y conceptos estudiados en la Geografía de la educación básica que son fundamentales para aclarar las condiciones y dinámicas espaciales para los estudiantes, tales como: Paisaje, Territorio, Globalización, Redes, Fijos y Flujos, Circuitos Económicos, Verticalización, Movilidad Pendular, entre otros; analizando cómo estos conceptos se materializan en el espacio urbano. Posteriormente, se propondrá un guión de prácticas de campo, tomando como modelo la ciudad de Campinas (SP). La elección de esta ciudad se debe a su clasificación como metrópoli, ya que se entiende que es la máxima expresión de la urbanización de una ciudad como se encuentra en el REGIC 2018 (Regiones de Influencias de Ciudades) del IBGE. Finalmente, presentaremos las consideraciones resultantes del ejercicio cognitivo expresado en este trabajo cuyo propósito es defender la investigación empírica en educación básica.

**Palabras clave:** Geografía, Enseñanza, Pedagogía Historico-crítica, Práctica de Campo.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> - Região Metropolitana de Campinas.....	25
<b>Figura 2</b> – Publicidade da Prefeitura de Campinas.....	27
<b>Figura 3</b> – Bairro Gleba B.....	28
<b>Figura 4</b> – Linha de montagem de celular.....	30
<b>Figura 5</b> - Percurso de Trabalho de Campo.....	31
<b>Figura 6</b> –Terminal Metropolitano Prefeito Magalhães Teixeira.....	33
<b>Figura 7</b> – Rua Marechal Deodoro.....	34
<b>Figura 8</b> – Rua Onze de Agosto.....	35
<b>Figura 9</b> – Av. Campos Sales.....	36
<b>Figura 10</b> – Largo do Rosário.....	37

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC Base Nacional Comum Curricular

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

REGIC Regiões de Influência das Cidades

RMC Região Metropolitana de Campinas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>14</b>
1 A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA .....	15
2 OS CONCEITOS DA GEOGRAFIA A SEREM OBSERVADOS.....	19
3 A PRÁTICA DE CAMPO: UM EXEMPLO NO MUNICÍPIO DE CAMPINAS .....	23
3.1 VISITA TÉCNICA A UMA EMPRESA INSTALADA EM CAMPINAS .....	29
3.2 A PAISAGEM DO CENTRO DE CAMPINAS.....	30
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>39</b>

## INTRODUÇÃO

Ao estudar a *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC) de Geografia, nos deparamos com a definição de que esta ciência no ensino básico tem como contribuição na formação dos alunos o desenvolvimento do pensamento espacial, estimulando um raciocínio que lhes possibilitem “representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionar componentes da sociedade e da natureza.” (BNCC, 2018, p. 360). Dificilmente encontraremos oposição a esta contribuição da Geografia no ensino escolar, porém é certo de que esta não é a única contribuição da Geografia à formação daqueles que ingressam na vida escolar. No seguimento da citação acima, ainda no mesmo parágrafo, é afirmado que o meio pelo qual se chega a este raciocínio espacial é através da apropriação, por partes dos estudantes, de conceitos para o domínio do conhecimento fatural e para o exercício da cidadania.

Isto posto, surge para os licenciados em Geografia o seguinte desafio: Como instrumentalizar os alunos do ensino básico com conceitos que lhes possibilitem fazer uma leitura reflexiva da espacialidade, num mundo que se apresenta “confuso e confusamente percebido” (SANTOS, 2000, p.9)?

Como primeira resposta a este desafio, encontramos na pedagogia crítica um modelo a ser seguido no objetivo de desanuviar a confusão materializada no mundo contemporâneo. A grande contribuição desta corrente pedagógica se deve ao fato de seus teóricos proporem métodos que investigam a materialidade presente no espaço através dos processos históricos que a constituiu. Como exemplo, ao investigar os problemas educacionais, esta corrente não isola as questões da educação dos demais problemas sociais, uma vez que o atual modelo educativo tem sua gênese na sociedade burguesa.

Assim, a escola, uma instituição que faz parte desta sociedade cuja lógica principal é o lucro, e tem como objetivo preparar a criança e o jovem para uma vida adulta pautada no desenvolvimento pessoal e social, é compreendida como um espaço de reprodução das diferenças que normatizam os problemas sociais. Esta característica da educação, sobretudo na sociedade brasileira, é evidente quando encaramos qualquer índice de analfabetismo por classe social, ou por comparações entre investimento em educação e empregabilidade. Portanto, esta abordagem crítica nos possibilita debater com os alunos do ensino básico a materialidade presente no espaço, utilizando os

conceitos geográficos necessários para isto, desde os processos que tornaram possível a sua manifestação, buscando, assim, alterar a característica reprodutivista vigente no âmbito escolar.

A segunda proposta para elucidar os alunos quanto às confusões do mundo contemporâneo, é a prática de campo. Esta atividade tem como benefício a investigação empírica da materialidade espacial, presente na paisagem, como forma de justificar os conceitos e assuntos da Geografia estudados em sala de aula. Assim, auxiliado à pedagogia histórico crítica (Dermeval Saviani 1991), a prática de campo promoverá um entendimento tanto dos objetos presentes na paisagem (suas funções e suas contradições) quanto dos processos de formação que constituíram tais objetos.

Para exemplificar a possibilidade dessas duas proposições, utilizaremos como exemplo a cidade de Campinas, metrópole interiorana do estado de São Paulo, demonstrando um roteiro de trabalho de campo que passe por lugares onde podemos observar a concretização daquilo que é estudado nas salas de aula do ensino básico de Geografia brasileiro.

Sendo assim, no primeiro tópico do texto discutiremos a pedagogia histórico-crítica como um modelo pedagógico que nos permite relacionar a realidade do mundo com os conceitos da Geografia, através da prática. Posteriormente, será exposto alguns conceitos da Geografia, para que possamos, por fim, exemplificar uma prática de campo, neste caso utilizando a cidade de Campinas-SP como base territorial, onde buscaremos associar de forma empírica os conceitos estudados, observando a materialidade de determinados lugares da paisagem desta cidade.

## DESENVOLVIMENTO

No livro *Por Uma Outra Globalização: Do Pensamento Único à Consciência Universal* (2000), o geógrafo Milton Santos inicia o texto afirmando que “vivemos em mundo confuso e confusamente percebido” (SANTOS, 2000, p.11). Esta característica confusa do mundo contemporâneo é entendida não somente como produto da globalização, mas também como fator preponderante para manutenção de certas condições díspares que configuram o atual período global.

O desenvolvimento científico tecnológico, que por vezes foi visto como o possível meio para se alcançar uma sociedade mais igualitária, hoje é a variável definidora entre aquilo que é moderno, avançado, rico e o que é velho, arcaico e pobre. Estas diferenças são possíveis de se observar em certas paisagens materializadas nos espaços urbanos, porém a simples contemplação de suas formas não é suficiente para entender a essência dessas diferenças e a sua relação com a totalidade.

Para evitar o discurso determinista, resumindo a forma a sua simples condição de ser, é necessário que investiguemos os processos anteriores de transformação dos espaços que resultou na paisagem a ser estudada, que por vezes apresenta realidades tão distantes do ponto de vista do desenvolvimento, porém muito próximas na distribuição espacial a ponto de ocuparem um mesmo lugar.

Neste sentido, encontramos na Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2001) um método de ensino que nos possibilita a compreender o objeto o qual estudamos pois “a concepção pressuposta nesta visão da pedagogia histórico crítica é o materialismo histórico, ou seja, a compreensão da história do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana” (SAVIANI, 2001, p.76)

Considerando esta proposição, a Pedagogia Histórico-Crítica se apresenta como uma corrente pedagógica com significativas contribuições à Geografia. Isso posto, a seguir discorreremos sobre tal modelo pedagógico, buscando compreender seus fundamentos e suas distinções das outras correntes teóricas da educação, como forma de objetivar a preferência por tal escolha.

## 1 - A PEDAGOGIA HISTÓRICO CRÍTICA

A pedagogia histórico crítica é fruto da análise de correntes pedagógicas críticas à educação tradicional. Esta segunda se inicia a partir da revolução burguesa, onde a nova classe no poder percebe a educação como um meio de propagar seus ideais democráticos e nacionalistas. Portanto, a partir do século XIX, inicia-se os Sistemas Nacionais de Ensino, com o discurso de educação como um direito de todos e de obrigação do Estado. Saviani salienta também o caráter *esclarecido* deste novo modelo que indicaria como marginalidade da educação a ignorância, ou aquele que não sabe, como podemos constatar no seguinte trecho:

É marginalizado da nova sociedade (sociedade burguesa) quem não é esclarecido. A escola surge como um antídoto à ignorância, logo, um instrumento para equacionar o problema da marginalidade. Seu papel é difundir a instrução, transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade e sistematizados logicamente. (SAVIANI, 1983, p.6)

Esta teoria indica uma certa maneira de organizar a escola, tendo o professor centralidade na organização dos assuntos estudados. Porém, os resultados apresentados por esta corrente teórica não corresponderam com a proposta de universalidade da educação e, além disso, muitos dos que passavam pela pedagogia tradicional não a aprovaram como um exemplo a ser seguido, gerando, assim, outras filosofias pedagógicas; dentre estas, podemos destacar a *Escola Nova*, e aquela que Saviani denomina de *Teorias Crítico-Reprodutivistas*.

A Escola Nova surge deste movimento de críticas à educação tradicional, acusando de ser as metodologias aplicadas pela escola tradicional o agente que impossibilita a diminuição e o fim da marginalidade. Porém, para este novo modelo, a marginalidade é colocada sobre outro sujeito. Diferentemente da escola tradicional, que encarava o inculto como o marginalizado, a Escola Nova entende que marginalizado é aquele que é rejeitado pela sociedade. Para isso, propõe os novistas, uma educação onde a centralidade do aprendizado esteja presente na figura do aluno, assim a escola passaria a ter um caráter secundário nos processos de educação e a centralidade estaria sobretudo na experiência dos estudantes.

Para Saviani a proposta escolanovista não é satisfatória por compreender a educação como um campo isento dos demais problemas sociais, como se na escola fosse possível ignorar todas as inconformidades do mundo e ainda assim permanecer

uma capacidade de solucionar estes problemas sociais.

O autor demonstra no livro *Escola e Democracia* como outras correntes respondem melhor às problemáticas oriundas da relação entre educação e sociedade como a *Teoria do sistema de ensino enquanto violência simbólica*, a *Teoria da escola enquanto aparelho ideológico do estado* e a *Teoria da escola dualista*. Estas, segundo o autor, acertam ao compreender a escola como um elemento de composição da sociedade, cuja finalidade não seria o fim da marginalidade, mas a própria reprodução desta como forma de garantir diferenças que perpetuem a estratificação social. Porém, se por um lado essa corrente compreende o caráter reprodutivo do ensino escolar da sociedade capitalista, por outro ela não apresenta um caminho que possibilite superar esta condição e “tendem a concluir que qualquer tentativa na área da educação é necessariamente reprodutora das condições vigentes e das relações de dominação” (SAVIANI, 1991, p. 79), por isso, o autor as denomina de *Crítico-Reprodutivista*, uma vez que por não fazerem propostas à pedagogia para superar esta condição reprodutora do ensino escolar, esta corrente teórica contribui à normalização da escola como um campo de reprodução da marginalidade.

É neste vácuo dos teóricos críticos que surge a *Pedagogia Histórico-Crítica*, que tem por fundamento a dialética, uma vez que seu autor considera a possibilidade de transformação a partir das contradições vigentes na materialidade. Portanto, esta corrente pedagógica objetiva a superação do caráter reprodutivista do ensino, utilizando do mesmo meio da condição vigente para subvertê-lo: a educação escolar; conforme descrito:

Ora, sendo esta determinada de forma absoluta pela sociedade, isso significa que se ignora a categoria de ação recíproca, ou seja, que a educação é, sim, determinada pela sociedade, mas que essa determinação é relativa e na forma da ação recíproca - o que significa que o determinado também reage sobre o determinante. Consequentemente, a educação também interfere sobre a sociedade, podendo contribuir para a sua própria transformação. (SAVIANI, 1991, p. 80).

Com isto posto, Dermeval Saviani analisa a educação desde seu princípio até a contemporaneidade como forma de demonstrar o seu caráter transformador.

Distinguindo o homem dos demais seres que habitam a Terra - uma vez que este ser possui a capacidade de adaptar a natureza conforme suas necessidades - o



autor demonstra como a prática educativa tem sua origem na relação humana com a natureza, onde a educação ocorria na própria ação de transformar a realidade conforme os anseios humanos, através do trabalho, ou seja, da relação humana com o espaço habitado. Embasado nas teorias de Karl Marx, Saviani descreve este como o período do comunismo primitivo.

Posterior a este período, durante o feudalismo, o autor justifica que quando há apropriação de terras por partes de alguns (os senhores feudais), delegando o trabalho a outros (servos da gleba) como forma de subsistência nos lugares apropriados, surge a condição do ócio para os primeiros, o que muda a característica da educação para estes, que já não se educavam através do trabalho mas sim através da *scholé* (palavra grega que designa “lugar de ócio” cuja a sua derivação temos a palavra *escola* no português).

Embora o autor denote esta nova característica da educação, ele aponta que a forma de transmitir o conhecimento sobre o mundo na sociedade feudal era majoritariamente através do trabalho, “a educação escolar, por sua vez, era uma forma secundária e dependente da não escolar, que era o trabalho” (SAVIANI, 1991, p.82), uma vez que a estratificação social deste período se dava entre servos, nobreza e clero. Sendo que estes últimos viviam da exploração do trabalho dos servos. Eram aqueles que não se educavam através do ócio, a base da exploração econômica desta sociedade.

Seguindo com o desenvolvimento histórico, portanto também o desenvolvimento da educação na sociedade ocidental, Saviani aborda a dualidade da educação no período moderno marcado pela ascensão da burguesia ao poder. O autor afirma que uma das características desta nova classe é que, diferentemente dos senhores feudais, esta não pode ser considerada uma classe ociosa, e sim uma classe empreendedora que tem como objetivo o produzir incessantemente. Por isso, a lógica de produção também se altera, a cidade se torna o espaço determinante das relações sociais e a indústria passa a ser o motor econômico da sociedade.

O conhecimento sistemático (a expressão letrada, o conhecimento científico) generaliza-se como forma de responder às necessidades da produção e também de conformar a nova classe no poder, e é nesse período que a universalização da escola básica passa a ser uma exigência social entendida como meio de transformação da sociedade aos moldes capitalista.

Porém, na medida que a classe burguesa vai se estabilizando no poder, o interesse pela transformação da sociedade vai perdendo espaço. A educação das massas através do conhecimento sistematizado passa a não mais condizer com as necessidades da burguesia, pois capacitar aqueles cuja a exploração é a base econômica da sociedade moderna, significa instrumentalizá-los a conhecer a realidade que os explora, o que certamente os instigaria a reverter esta ordem.

Aliás:

Enquanto a burguesia era revolucionária, isso fazia sentido; quando ela se consolidou no poder, a questão principal já não era superar a velha ordem, o Antigo Regime. Esse, com efeito, já fora superado, e a burguesia, em consequência, já se tornara classe dominante; nesse momento, o problema principal da burguesia passa a ser evitar as ameaças e neutralizar as pressões para que se avance no processo revolucionário e se chegue a uma sociedade socialista. (SAVIANI, 1991, p. 86)

É a partir deste cenário que, segundo o autor, surgiram teorias pedagógicas visando alterar aquilo que Saviani considera o caráter clássico da educação escolar – transmitir um saber sistematizado com o objetivo de transformação da realidade – e é esta característica que ele defende como primordial ao ensino escolar, portanto fundamental na Pedagogia Histórico-Crítica. Conforme descreve:

A pedagogia crítica implica a clareza dos determinantes sociais da educação, a compreensão do grau em que as contradições da sociedade marcam a educação e, conseqüentemente, como o educador deve posicionar-se diante dessas contradições e desenredar a educação das visões ambíguas, para perceber claramente qual é a direção que cabe imprimir à questão educacional. (SAVIANI, 1991, p.89)

Outro aspecto valioso na teoria desenvolvida por este autor, se refere àquilo que ele coloca como os desafios da Pedagogia Histórico-Crítica. Para Saviani, a ideia de *corrente pedagógica* traz a concepção de uma elaboração teórica que visa direcionar a prática. Entretanto, o autor realça a necessidade de se fazer um caminho inverso, ou seja, o caminho que vai da prática à teoria.

Embora a educação seja uma produção não material, ou seja, uma produção que tem por finalidade resultados não materiais, ela só se realiza sobre uma base material e num contexto de materialidade, e a materialidade sabemos estar sobre o domínio da prática, do empírico. Esta é uma concepção primordial para compreender a educação por este caminho inverso, o da prática à teoria, pois “se a prática é o fundamento da teoria, seu critério de verdade e sua finalidade, isso significa que o

desenvolvimento da teoria depende da prática.” (SAVIANI, 1991, p.91)

Com essas afirmações, entendemos que a Pedagogia Histórico-Crítica é uma corrente pedagógica com contribuições significativas aos professores de Geografia. Isto devido tanto a sua fundamentação dialética, entendendo as contradições como possibilidade de transformação da realidade, quanto à sua concepção de prática, utilizando da materialidade como preceito para desenvolver os conjuntos de ideias de maneira sistematizada para possibilitar tais transformações.

Sendo assim, no seguimento deste trabalho, consideramos tais contribuições da teoria em questão para formular uma prática de campo que consiga relacionar os conceitos da Geografia com a materialidade presente numa metrópole.

## **2 - OS CONCEITOS DA GEOGRAFIA A SEREM OBSERVADOS.**

A Geografia é a ciência que estuda o *espaço geográfico*, que podemos definir como o conjunto entre aquilo que está materializado, que possui formas, o qual chamamos de objetos geográficos, e as ações, ou seja, os movimentos gerados pelo homem que dão sentido aos objetos materializados sobre uma base territorial. Por assim, “O espaço não é uma coisa nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas” (SANTOS, 2014, p.30).

Essa é uma relação dialética, pois o homem age sobre o espaço, e o espaço condiciona a realidade humana, o instigando a agir, a transformar o espaço segundo a sua necessidade. Sendo assim, “o espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediado pelos objetos, naturais e artificiais.” (SANTOS, 2014, p.78). Com essa premissa dialética do espaço geográfico surge o desafio aos licenciandos desta disciplina, de como ensinar Geografia.

Pensando no ensino de Geografia como prática espacial de significação, Rafael Straforini defende uma educação crítica e reflexiva da realidade por meio do espaço:

O papel da Educação e, dentro dessa, o do ensino de Geografia é trazer à tona as condições necessárias para a evidência das contradições da sociedade a partir do espaço, para que no seu entendimento e esclarecimento possa surgir um inconformismo com o presente e, a partir daí, uma outra possibilidade para a condição da existência humana. (STRAFORINI, 2004, p.56)

Ensinar Geografia, nesta concepção, é ensinar por meio de conteúdos específicos “a perceber a espacialidade da realidade” (CAVALCANTI, 2012 apud STRAFORINI, 2017, p.178) que podemos entender como: ensinar aos estudantes do ensino básico através de conceitos e categorias próprios da Geografia a compreender qual a função de determinados objetos geográficos e como seus agentes, sejam eles empresas, instituições ou a sociedade civil fazem uso de tais objetos.

Conforme salienta Straforini citando Golledge: “O conhecimento geográfico ajuda-nos a saber por que as coisas estão onde estão e como e por quê estão espacialmente relacionadas a outras coisas” (GOLLEDGE, 2002 apud STRAFORINI, 2017, p. 180).

O estudo em Geografia, por assim, produzido de maneira sistematizada e através de métodos, nos capacita a identificar a materialidade não somente pela forma que ela apresenta, percebida na paisagem, mas sobretudo pela sua função social, por sua utilidade na vida humana. Consequentemente, a Geografia escolar auxilia no processo de tomada de decisões, pois, ensinar os estudantes a compreender os processos que tornam o mundo *confusamente percebido* é o passo inicial para a escolha por formas mais favoráveis à população.

Desta forma, se faz necessário apresentar conceitos, categorias e fenômenos estudados na Geografia do ensino básico nacional e que possam nos servir de exemplo para uma aula prática em campo. Dentre eles: *Globalização, Redes, Fixos e Fluxos, Paisagem, Os Circuitos da Economia Urbana, Verticalização e Mobilidade Pendular*.

**A Globalização como fábula, como perversidade e como possibilidade** – Para Milton Santos (2000), globalização é o ápice da internacionalização do mundo capitalista. O que caracteriza esse estágio são a unicidade das técnicas, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta, e o motor único do capitalismo.

Embora por vezes notado uma característica de benfeitorias no discurso da globalização, a realidade do mundo globalizado é de perversidade. A visão do globo terrestre como uma aldeia única ficou limitada à realidade das corporações capitalistas. Para a população em geral, sobretudo as dos países pobres, o que se vê cada vez mais

são construções de muros e políticas segregacionistas.

As grandes empresas, em conluio com os Estados, têm privilégio no acesso aos usos dos territórios conforme seus próprios anseios, deixando à população residente dos lugares especulados um papel secundário nas decisões políticas que alteram diretamente a suas vidas. Porém, a globalização também sinaliza alguns meios de modificar esta lógica perversa. As bases técnicas utilizadas para a reprodução do caráter perverso da globalização “poderão servir a outros objetivos, se forem postas ao serviço de outros fundamentos sociais e políticos” (SANTOS, 2000 p.10).

A grande mistura de pessoas dos mais diversos lugares em todos os continentes, a comunicação com qualquer lugar do mundo em tempo real e a emergência de uma cultura popular que se utiliza destes meios de comunicação, são variáveis que nos mostram algum caminho para a transformação.

A globalização é o conceito que nos possibilita compreender como as dinâmicas daquilo que consideramos externo, das coisas que estão numa escala global, interferem no cotidiano dos lugares ao quais habitamos, e como, dialeticamente, o ocorrido no local atinge também as dinâmicas externas.

**Redes** – Entendemos como Redes Geográficas, a forma de distribuição espacial de produção e comunicação humana na terra. O espaço geográfico é constituído e articulado através de redes. Estas, são conjuntos de locais da superfície que se encontram conectados entre si. Estas conexões podem ocorrer de diferentes formas (materiais, digitais e culturais) e envolvem o movimento de produtos, de informações, de conhecimentos e valores, de pessoas.

Mas, para além da concepção material, as redes têm implicações socioespaciais. Elas são utilizadas pelos agentes econômicos da sociedade como forma de alcançar os lugares especulados no processo de produção (aquisição de matérias-primas, transformação em produto, distribuição e circulação), porém sua efetivação gera a possibilidade de outras realizações no território.

No livro *Brasil Século XXI - Por Uma Nova Regionalização?* Leila Dias demonstra como os processos de transformação das redes no Brasil no século XX, atende às exigências dos modelos de produção vigentes em diferentes períodos onde a instalação de objetos para atender tais exigências, possibilita novos usos do território.

Como exemplo, esta autora nos apresenta como a rede ferroviária, que era utilizada sobretudo para o escoamento do café e da cana-de-açúcar, consolida uma infra-estrutura de transporte no estado de São Paulo, que somado ao aumento populacional devido à chegada massiva de imigrantes, estimulam o crescimento urbano neste estado.

Este quadro real da história brasileira nos permite entender a inferência socioespacial da rede, uma vez que, por mais que sua implementação busque atender as demandas de alguns, sua implementação no território abre um leque de outras possibilidades de uso.

**Fixos e Fluxos** – São, respectivamente, os locais de produção, os nódulos ou pontos de encontro na rede, e o movimento daquilo produzido nos fixos. Conforme define Milton Santos:

Os fixos nos dão o processo imediato do trabalho. Os fixos são os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral, incluindo a massa dos homens. (...) Os fluxos são o movimento, a circulação e assim eles nos dão também a explicação dos fenômenos de distribuição e do consumo. Desse modo, as categorias clássicas – isto é, a produção propriamente dita, a circulação, a distribuição e o consumo – podem ser estudadas por meio desses dois elementos: fixos e fluxos. (SANTOS, 1988, p.86)

Estes dois conceitos estão relacionados aos sistemas objetos e sistema ações (SANTOS 1994), portanto também configuram o espaço geográfico.

**Paisagem** – é tudo aquilo que conseguimos ver, o que a nossa vista alcança. “A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos” (SANTOS, 2014, p.68). Por isso a prática de campo é um exercício intelectual, de percepção da materialidade apresentada na paisagem, de maneira que consigamos compreender não somente as formas ali reveladas, mas também a função destas formas para a sociedade. Com isso, temos “a noção capital de complexo geográfico local, cuja expressão concreta é a paisagem (...) Eis o verdadeiro dado geográfico” (SANTOS, 2014 apud MEGALE, 1984 p.126).

É através da paisagem que conseguimos compreender a materialização do espaço geográfico, relacionando aquilo que ocorre no local com as demais escalas (regional, nacional, global).

**Os Circuitos da Economia Urbana** – As disparidades de renda, sobretudo dos países subdesenvolvidos economicamente, influenciam a dispersão das inovações e o acesso a certos números de bens e serviços, indicando uma variação do potencial de consumo individual nestes territórios. Isto porque “o nível de renda é função da posição do indivíduo no espaço. Esta localização determina, por sua vez, a capacidade individual de produzir e de consumir.” (SANTOS, 1979, p.126).

Por assim, é conceituado dois circuitos da economia no espaço: o *circuito superior*, que é fruto direto da modernização tecnológica cujo as principais características são os monopólios e a maior parte de suas relações ocorre em escala global, uma vez que os agentes deste circuito têm um quadro de referências nacional ou internacional. E o *circuito inferior*, que realiza suas atividades em pequena escala e reflete especialmente a condição da população pobre. Dentre esses podemos exemplificar o comércio ambulante, os camelôs, que geralmente utilizam os lugares de grande aglomeração para seus produtos, mas também os serviços e pequenos comércios locais, presentes nos bairros populares.

**Verticalização** – O processo de verticalização das cidades ocorre devido ao crescimento demográfico das cidades modernas. A principal função desta forma é acolher um maior número de pessoas num determinado terreno através do crescimento vertical de edificações. Ocupa, geralmente, as regiões centrais dos espaços urbanos por ali concentrar uma quantidade significativa de infraestruturas, comércios e serviços, por assim sendo atrativo tanto para moradia quanto para uso de escritórios, consultórios etc.

**Mobilidade Pendular** – Este fenômeno urbano é mais comum nas metrópoles, representa a massa de pessoas que necessitam se locomover diariamente de um município a outro para exercer, normalmente, atividades de trabalho ou estudo. É um conceito que está vinculado com a mobilidade urbana, ou seja, com o fluxo de pessoas e, devido a distância entre origem e destino, com a fragmentação e articulação urbana (Corrêa, 1989).

Considerando os conceitos acima expostos, seguiremos com o objetivo deste trabalho que é compreender a relevância da prática de campo para a educação de Geografia. Com isso tomaremos como exemplo o município de Campinas – SP para demonstrar na espacialidade desta cidade características que nos possibilite perceber a materialização dos conceitos desenvolvidos.

### 3 – A PRÁTICA DE CAMPO: UM EXEMPLO NO MUNICÍPIO DE CAMPINAS

Conforme demonstrado na pedagogia histórico-crítica, a teoria tem a sua fundamentação na prática. É na materialidade que comprovamos as condições de verdade de uma ideia sistematizada. Posteriormente, compreendemos a Geografia como a ciência que estuda a relação do homem com a base material que ele utiliza para a conformação de seu mundo, ou seja, o espaço geográfico.

Assim, entendemos que a prática de campo é um exercício que une essas duas concepções. Ela é para a Geografia a observação do seu objeto de estudo. É nesta prática que vamos fortalecer o conhecimento desenvolvido em sala de aula. Ela é “instrumento fundamental para a construção do conhecimento geográfico na perspectiva da consolidação da prática como condição para a compreensão teórica” (SILVA, 2002, p.61).

Reforçando ainda uma pedagogia dialética da Geografia através da prática de campo temos de Jean Tricart a seguinte colocação:

O objeto da pedagogia é ajudar os outros (não só os jovens) a utilizar essa dialética, a passar da análise dos dados à formulação de conceitos e às teorias explicativas, além de controlar e ajustar estas teorias ao melhor conhecimento dos fatos. É falso opor uma Geografia "teórica" a outra, que seria a ciência do "concreto". Teoria e observação são indissociáveis numa abordagem dialética (TRICART, 1980, p.7).

Com essas premissas, seguiremos com a proposta de prática de campo no município de Campinas - SP. O campo terá duas etapas, sendo a primeira uma visita técnica a uma fábrica de uma empresa internacional, onde serão trabalhadas as concepções sobre a globalização, circuito superior, redes, fixos e fluxos. A segunda etapa será um circuito passando por alguns lugares do centro da cidade, que nos possibilita observar na paisagem os conceitos circuito inferior, verticalização e mobilidade pendular. O exemplo foi pensado para uma turma de alunos do 3º (terceiro) ano do ensino médio, sendo que estes por se encontrarem ao fim do ciclo do ensino básico, teriam maior maturidade tanto na lida com os conceitos da Geografia quanto para a prática extraclasse.

O município de Campinas localiza-se no interior do estado de São Paulo, mais precisamente a 96 km a noroeste da capital deste estado. Possui uma população estimada em 1.213.792 pessoas em 2020 segundo o IBGE, sendo o 14º município mais populoso do país. Campinas é o município central da Região Metropolitana de Campinas



(RMC), conjunto que engloba outros 19 municípios.

A RMC (Figura 1) é uma das regiões mais dinâmicas do ponto de vista econômico no território brasileiro, sendo que sua contribuição ao PIB nacional chegou a representar 1,8% no ano de 2013.

**Figura 1 - Região Metropolitana de Campinas.**



Elaboração: Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S/A

Campinas é classificada como uma metrópole, segundo a REGIC 2018 (Regiões de Influência das Cidades - IBGE), que hierarquiza as cidades brasileiras da seguinte maneira:

Considerando tanto seu papel de comando em atividades empresariais quanto de gestão pública, e, ainda, em função da sua atratividade para suprir bens e serviços para outras Cidades. O alcance desse comando e atratividade no território corresponde à delimitação de sua área de influência, ou seja, quais Cidades estão subordinadas a cada centralidade classificada na pesquisa. (REGIC 2018, p.11)

Embora esta classificação seja afirmativa se relacionarmos a densidade populacional com a atratividade de bens e serviços, esta mesma prerrogativa não é verdadeira se observarmos a capacidade dos lugares menos populosos se integrarem às dinâmicas globais sem necessariamente haver uma mediação das metrópoles para isso.

Graças aos avanços nos sistemas de transportes e de comunicações, hoje vemos uma ruptura desta estrutura hierárquica dos lugares onde as cidades só se relacionavam com outras cidades vizinhas. “Hoje, uma cidade pode não manter intercâmbio importante com sua vizinha imediata e, no entanto, manter relações intensas com outras muito distantes, mesmo fora de seu país.” (SANTOS, 2014, p.55). Isto significa um *curto-circuito* da rede urbana, onde a estrutura rígida e piramidal entre as cidades já não condiz com a realidade, uma vez que, mesmo nos lugares mais distantes, há possibilidade de comunicação e intercâmbio de produtos com toda a sociedade global.

Além de uma economia pujante, a região também possui uma infraestrutura que atende às exigências de produção e distribuição das grandes empresas instaladas na RMC a ponto da própria prefeitura fazer publicidade do conglomerado de empresas globais da região como um chamariz aos demais grandes investidores, conforme demonstrado na Figura 2.

Figura 2 - Publicidade da Prefeitura de Campinas

27/05/2021

Prefeitura de Campinas

## Campinas

para investir,  
produzir e viver.

- Guia de Investimentos
- Indicadores de Excelência

**Apresentação**

Brasil, um mercado com grande potencial

**Dez motivos para investir em Campinas**

- Localização privilegiada
- Logística
- Infraestrutura
- Sinergias empresariais
- Capital humano
- Mercado consumidor
- Pólo acadêmico e tecnológico
- Oferta imobiliária
- Vocação cosmopolita
- Administração comprometida com o desenvolvimento

**Campinas para viver, visitar e desfrutar**

- Tradição na cultura e no esporte
- Uma cidade verde
- Pólo de lazer e entretenimento

**Como estabelecer-se em Campinas**

- Primeiros passos
- Incentivos fiscais
- Mapas de Campinas
- Contatos

### Dez motivos para investir em Campinas

**Sinergias empresariais**

O PIB de Campinas, superior a R\$ 20 bilhões, é equivalente ao de países da América do Sul, como Bolívia e Paraguai. Trata-se da 11ª cidade mais rica do Brasil, concentrando mais de 50.000 empresas e o terceiro maior parque industrial do país. Além disso, 50 das 500 maiores empresas do mundo estão instaladas em Campinas e sua região metropolitana. Graças a estes e outros fatores Campinas é hoje:

- Uma das dez cidades brasileiras que mais geram empregos, segundo levantamento do Ministério do Trabalho.
- A melhor cidade do interior brasileiro para se trabalhar, segundo pesquisa elaborada pela Fundação Getúlio Vargas.
- A quarta maior praça financeira do país (com mais de duas agências bancárias para cada 10 mil habitantes).

**Número de empresas por setores em Campinas (2006)**

Sector	Número de empresas
Indústrias	5.398
Comércio	19.195
Serviços	25.814

Fonte: Secretaria Municipal de Comércio, Indústria, Serviços e Turismo

**Empresas em Campinas e região metropolitana**

Produzido em 2009  
 Prefeitura Municipal de Campinas e FIPE  
 Secretaria Municipal de Urbanismo  
 Avenida Anchieta, nº 200 - 2º andar  
 Telefone: (19) 2116.0873m

<https://www.campinas.sp.gov.br/prefeitura/link7.html>

1/2

Fonte: [www.campinas.sp.gov.br](http://www.campinas.sp.gov.br)

Porém, como via de regra dos grandes centros urbanos, as contradições também estão presentes no território campineiro. Os mesmos agentes que viabilizam o acesso do capital financeiro ao lugar, relegam a condições de vida insalubres a seus contrerrâneos em maior vulnerabilidade socioeconômica. Por assim, ao mesmo tempo em que vemos um esforço da administração pública em conformar o espaço campineiro para a introdução de empresas de grande porte, por outro, o que se nota é a não importância em prover a determinados bairros infraestruturas básicas de salubridade para seus moradores, conforme podemos notar na Figura 3.

**Figura 3** - Bairro Gleba B.



Fonte: [www.g1.com.br/campinas](http://www.g1.com.br/campinas)

Nestes exemplos, o que vemos é uma subordinação do estado (no caso administração municipal) ao grande capital, com a adesão de políticas que beneficiam as empresas em depreciação da vida humana. Esta é uma das características perversa da globalização, pois, mesmo com a capacidade técnica (e no caso de campinas também financeira) de solucionar os problemas sociais que trazem implicações para a vida de milhares de seus moradores, o que ocorre cada vez mais é a adoção de políticas e investimentos para adequação do território aos ditames do capital, sobretudo o

estrangeiro.

Com isso, a primeira etapa do trabalho de campo terá como objetivo a visita a uma empresa de grande porte do ramo de produtos de telecomunicações, onde os estudantes por um lado terão a oportunidade de ver o processo produtivo de uma grande empresa, o desenvolvimento tecnológico dos objetos ali presentes, de quais lugares vêm as matérias-primas necessárias para produção e como ocorre a distribuição dos produtos. Assim como também poderão eles investigar o quanto o espaço urbano se adequou para a instalação de tal fábrica, buscando saber quais infraestruturas existentes no território foram atrativas para implementação da fábrica e quais políticas de incentivo a empresa recebeu do estado para se instalar em Campinas.

### 3.1 – VISITA TÉCNICA A UMA EMPRESA INSTALADA EM CAMPINAS

A visita técnica a uma fábrica de produtos eletrônicos, tem como objetivo apresentar aos estudantes o papel e as implicações de uma empresa global no território de sua cidade. Como forma de atividade da prática, os estudantes terão que levantar uma série de informações relacionadas à empresa e as alterações no espaço da cidade de Campinas, de forma que nos revele quando ocorreu a abertura da empresa na cidade, quais os benefícios a sua implementação trouxe para a população campineira, a quantidade de empregos gerados pela empresa, se ela recebeu algum benefício fiscal para sua instalação neste lugar, como foi feita a concessão do terreno onde se localiza a fábrica, a quais lugares se destinam os produtos ali produzidos e como ocorre a distribuição destes produtos, qual as implicações ambientais geradas pela fábrica. A seguir na Figura 4, o exemplo de uma fábrica de equipamentos eletrônicos.



**Figura 4** - Linha de montagem de celular.



Fonte: google imagens.

O objetivo é sistematizar, ou seja, organizar as informações e os dados contidos nas respostas de maneira lógica e condizente com os processos que constituem o quadro analisado, de maneira que possamos relacionar as ideias desenvolvidas através dos conceitos globalização, redes, fixos e fluxos e circuito superior da economia, de forma empírica, isto é, através da observação do objeto de estudo na prática.

### 3.2 – A PAISAGEM DO CENTRO DE CAMPINAS.

Nesta etapa, o trabalho de campo ocorrerá no centro da cidade de Campinas, onde serão observados alguns fenômenos característicos de uma metrópole. Esta etapa tem dois objetivos principais:

1º→ Relacionar os conceitos de Mobilidade Pendular e Circuito Inferior da Economia Urbana, através de pesquisa com os usuários do Terminal Metropolitano Prefeito Magalhães Teixeira e com os comerciantes ambulantes que ali trabalham.

2º→ Observar as formas da paisagem de três ruas do centro de Campinas, sendo que estas denotam diferentes períodos do desenvolvimento da cidade. Com isso, nós poderemos trabalhar com os alunos a correlação entre forma e função e o processo de verticalização do centro do centro da cidade.

Para isso, selecionamos um percurso a se fazer num trecho de 2Km entre o Terminal Metropolitano Prefeito Magalhães Teixeira até o Largo do Rosário (final da Av. Campos Sales), conforme podemos verificar no Mapa de Percurso de Trabalho de Campo (Figura 5).

**Figura 5 - O Percurso do Trabalho de Campo.\***

#### PERCURSO DO TRABALHO DE CAMPO - CENTRO DE CAMPINAS



Como primeira atividade do trabalho será proposto duas pesquisas no Terminal Metropolitano (Figura 6), por assim dividindo a sala em duas turmas, onde uma investigará os usuários dos transportes interurbanos, buscando identificar o percurso por ele feito, qual o motivo da locomoção, quanto tempo previsto ele gasta e com qual

frequência ele faz este percurso, quantas baldeações ele faz desde o ponto em que ele partiu até o destino, entre outras questões que se julgue importante para compreender o fluxo das pessoas que utilizam o Terminal.

A pesquisa com os transeuntes terá como objetivo levantar informações para que possamos confeccionar um mapa do deslocamento dos usuários do Terminal Metropolitano, demonstrando por assim uma estimativa da Mobilidade Pendular da RMC.

Já a pesquisa a ser feita com os comerciantes, buscará compreender qual é o seu perfil econômico, se aquela é a única fonte de renda familiar, onde ele compra os produtos comercializados, se ele aceita formas digitais de recebimento (PIX, máquina de cartão), se ele consegue ter lucro suficiente para sanar todas as suas necessidades, se medidas de restrições de circulação de pessoas alteram o seu ganho. Com estas informações, será desenvolvido com os estudantes o conceito de Circuito Inferior da Economia Urbana e as suas características, como o uso de um lugar com grande fluxo de pessoas, a relação com o Circuito Superior da Economia Urbana.

Esta primeira atividade tem como característica a pesquisa, proporcionando aos estudantes a experiência de investigação de um dado socioespacial, para, através das informações levantadas, fundamentar a empiricidade dos conceitos estudados em sala de aula.



**Figura 6** - Terminal Metropolitano Prefeito Magalhães Teixeira



Foto: Gabriel Augusto Arantes de Souza

Finalizado a primeira atividade, nos encaminharemos ao percurso pelo centro de Campinas, que seguirá do Terminal Metropolitano Prefeito Magalhães até o Largo do Rosário. Para isso, seguiremos pela Rua Marechal Deodoro até a Praça Luiz de Camões, onde será feita uma primeira parada para reagrupar a classe e fazer observações sobre a paisagem vista neste primeiro trecho.

Depois, continuaremos pela Rua Onze de Agosto até o monumento a Campos Sales, onde faremos uma segunda parada com o mesmo objetivo da primeira. E por fim seguindo pela Av. Campos Sales até o Largo do Rosário, onde será feito um debate sobre as paisagens observadas.

A Rua Marechal Deodoro fica em frente à principal entrada do Terminal Metropolitano. Suas edificações são, sobretudo, térreas (não possuindo andares) e

apresentam formas do século passado com casas geminadas, e a rua é estreita conforme podemos constatar na figura 7. Ela é próxima à antiga ferrovia e a Empresa Mogiana de Estrada de Ferro, ambas desativadas, fato que nos faz deduzir que esta rua já teve uma maior centralidade no espaço urbano campineiro. Com isso podemos compreender que esta rua reflete um espaço menos transformado pelas novas técnicas que os demais que iremos observar, nos permitindo assim considerar esta como parte de um centro histórico de campinas.

**Figura 7** - Rua Marechal Deodoro



Foto: Gabriel Augusto Arantes de Souza

Deste ponto, seguiremos pela Rua Onze de Agosto em direção sudeste rumo à Avenida Campos Sales. Nesta rua podemos observar formas mais modernas. Na esquina com a Rua Marechal Deodoro fica perceptível o contraste entre o antigo e o novo, conforme podemos verificar na Figura 8. A edificação azul nos remete a períodos passados, logo atrás dela vemos uma edificação com arquitetura mais atual e, em



seguida, um prédio vertical com vários andares. A Rua Onze de Agosto, é mais larga e suas edificações possuem aspecto menos antigo do que a rua anterior analisada. Aqui deduzimos que houve mais transformações oriundas dos novos usos do espaço urbano de Campinas.

**Figura 8** - Rua Onze de Agosto.



Foto: Gabriel Augusto Arantes de Souza.

Por fim, seguiremos o último trecho do percurso do trabalho de campo, indo pela Avenida Campos Sales (Figura 9) até o Largo do Rosário (Figura 10). Nesta avenida se nota aspectos de uma grande cidade, onde as edificações são majoritariamente verticais, a presença de agentes dos dois circuitos da economia urbana é mais constante, a via possui 4 faixas para o trânsito de automóveis, cujo fluxo é muito maior que as demais analisadas. Esta avenida reflete um espaço urbano mais transformado pelas ações humanas, e também mais utilizado pela sociedade campineira, uma vez que é característico dos espaços com grande verticalização a concentração de

comércio, serviços e moradias.

**Figura 9** - Av. Campos Sales

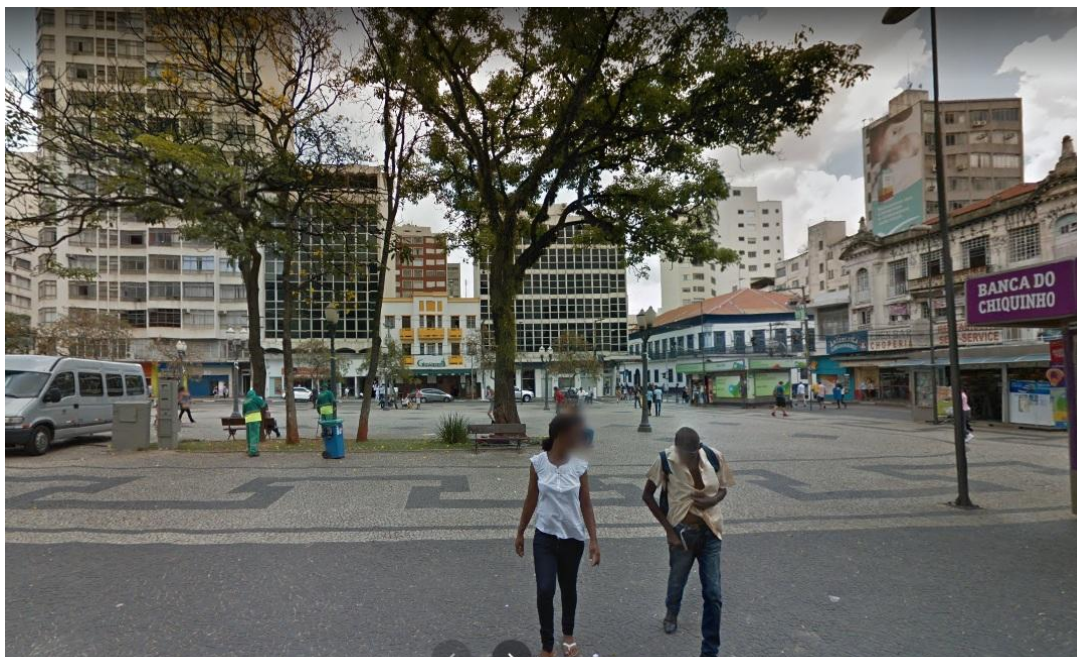


Foto: Gabriel Augusto Arantes de Souza.

Nesta segunda atividade, o intuito é utilizar a paisagem como objeto de análise, onde, através da percepção da realidade observada, os estudantes possam compreender não só as diferentes formas, mas também suas funções para o homem durante o processo de desenvolvimento da sociedade.



**Figura 10** - Largo do Rosário



Fonte: Google Street View

Como fechamento da atividade prática, será solicitado aos estudantes como forma de avaliação um diário de campo, onde eles deverão relacionar as experiências adquiridas através da pesquisa e da observação nas duas etapas da prática de campo com os conceitos estudados em sala de aula.

Como já salientamos, são as formas e os movimentos que caracterizam o espaço geográfico, é através da observação destas duas variáveis que conseguimos compreender alguns atributos do espaço em questão.

Com isso entendemos que as duas etapas da prática de campo acima descrita possibilitam o conhecimento empírico dos estudos desenvolvidos em classe, nos permitindo apropriar das teorias compreendidas para aplicar esta visão geográfica em outras realidades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as concepções desenvolvidas neste trabalho, compreendemos a educação como a ação de transmitir um conhecimento sistematizado, considerado importante para a sociedade aos demais que estão por descobrir tais conhecimentos. Também vimos que esta ação tem como característica desvendar certos comportamentos da natureza e do homem, por assim, instrumentalizando os educandos a perceber certas complexidades do mundo, possibilitando assim a transformar a realidade. Assumimos assim o caráter dialético da educação tendo como orientação desta parte a teoria desenvolvida pelo filósofo pedagogo Dermeval Saviani, denominada Pedagogia Histórico-Crítica.

Salientamos também o objeto de estudo da Geografia, o espaço, cuja base material ao mesmo tempo é condição da existência humana e condição da transformação desta mesma base material através do trabalho. Sendo este objeto de estudo também dialético, pois ele interfere na concepção humana de mundo e é transformado segundo as necessidades de alteração da realidade para se ajustar a esse mesmo mundo pré-concebido. E posteriormente definimos alguns conceitos estudados pela Geografia, que se manifestam no espaço, indicando como evidenciar a materialização destes conceitos.

Seguindo com desenvolvimento deste trabalho, buscamos uma forma de aproximar as concepções pedagógicas propostas por Saviani dos conceitos da Geografia. A maneira que encontramos para isto foi a prática de campo, observação do objeto de estudo desta ciência de forma empírica, nos lugares onde estão materializados os objetos, as formas e onde ocorre a vida humana.

Com isso, consideramos que a corrente pedagógica em questão, utilizada através de uma epistemologia geográfica, isto entendido como desde o ponto de vista ao qual os teóricos desta ciência direcionam a análise do seu objeto de estudo, contribui aos licenciandos em Geografia no ensino de suas disciplinas, uma vez que o método da Pedagogia histórico-crítica indica uma direção da materialidade, daquilo que é verificado na prática, como a fundamentação da teoria.

A prática de campo, por assim, pode ser uma ferramenta valiosa quando utilizada pelos professores de Geografia para levar os conhecimentos científicos

produzidos pelos teóricos de suas áreas até os estudantes do ensino básico, pois quando se evidencia na realidade aquilo que está no campo das ideias é que verificamos a veracidade do que está sendo proposto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, V. Mobilidade pendular na metrópole paulista. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.19, n.4, p.96-109, dezembro/2005

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. **Base Nacional Comum Curricular** – Educação é a base. 1ª edição. 2017. Disponível em [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) acessado em maio/2021.

\_\_\_\_\_. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Regiões de Influência das Cidades - 2018**. 1ª edição. 2018. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html>>

\_\_\_\_\_. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – 2. ed. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018. Disponível em:< [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12907:legislacao-s&catid=70:legislacoes](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacao-s&catid=70:legislacoes) > Acesso em junho/2019.

CORREIA, R.L. **O Espaço Urbano**. 1ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1989.

DIAS, L.C. Rede Geográfica. **GEOgraphia**, Niterói, v.22, n.49, p.1-6, 2020.

\_\_\_\_\_. A importância das redes para uma nova regionalização brasileira: notas para discussão. In: Haesbaert, R. Limonad, E. Moreira, R. **Brasil Século XXI: Por Uma Outra Regionalização. Agentes, Processos e Escala**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora, 2015. p.161-172.

MELGAÇO, L. A Cidade de poucos: condomínios fechados e a privatização do espaço público em Campinas. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v.2, n.1, p.81-105, outubro/2011.

MONTENEGRO, M.R. Reflexões para uma teoria da localização da economia popular nas metrópoles brasileiras. **Boletim Campineiro de Geografia**, Campinas, v.3, n.1, p.37-54, agosto/2013.

PEDROSO, F. **O CENTRO DE CAMPINAS (SP) – USOS E TRANSFORMAÇÕES**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. p.133. 2007.

SANTOS, M.. Circuitos espaciais da produção: um comentário. In: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de; SANTOS, Milton. **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. p. 121-134.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. 5ª edição. São Paulo: EdUSP, 2008.

\_\_\_\_\_. **Metamorfose do Espaço Habitado**. 6ª edição, 2ª reimpressão. São Paulo: EdUSP, 2014.



\_\_\_\_\_. **Por Uma Outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. 30ª edição. São Paulo. Record, 2000.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 42ª edição. Campinas: Autores Associados, 2012.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia Histórico-Crítica**. 11ª edição. Campinas: Autores Associados, 2011.

SILVA, A. M. R. Trabalho de Campo: Prática Andante de Fazer Geografia. **GeoUERJ Revista do Departamento de Geografia**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.61-74, março/2002

STRAFORINI, R. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos Avançados**, Campinas, v.1, n. 32, p.175-195, junho/2018.

TRICART, J. O campo na dialética da Geografia. **Reflexões sobre a Geografia**, São Paulo, p.53-80. 1980.

### **Sites Consultados**

[www.g1.com.br/campinas](http://www.g1.com.br/campinas)

[www.campinas.sp.gov.br](http://www.campinas.sp.gov.br)

[www.news.samsung.com](http://www.news.samsung.com)

[www.maps.google.com](http://www.maps.google.com)

[https://www.pdui.sp.gov.br/rmc/?page\\_id=56](https://www.pdui.sp.gov.br/rmc/?page_id=56)